

DEMO, Pedro. **Mitologias da Avaliação:** de como ignorar, em vez de enfrentar os problemas. 3. ed. Campinas, SP. Autores Associados, 2010.

*Contribuição da pedagoga Jamile Vilas Boas. FADBA, 2013.*

## **INTRODUÇÃO**

Muitos professores e pedagogos veem a avaliação como algo negativo, punitivo, que apenas classifica e exclui o aluno. Sobretudo, ainda sim, procuram meios para avalia-lo, pois essa é uma prática obrigatória nas escolas. Outros têm a ideia de que não deveria existir avaliação, já que só deveríamos aprender o que nos dá prazer. Acabam não levando em consideração, que na vida, não fazemos apenas o que gostamos.

É inquestionável que a educação ofertada nas escolas (principalmente as públicas), em sua grande maioria, é de má qualidade, isso porque, os professores estão preocupados com a transmissão de conteúdos, e não com a aprendizagem do aluno.

## **CAPÍTULO 01: Pano de fundo social e acadêmico**

As desigualdades sociais sempre existiram. Isso é fato. Por isso, não é louvável deixar de avaliar os alunos, ou avalia-los de modo mais suave. Ainda sim, o problema da desigualdade não seria sanado. Em longo prazo, seria ainda pior. O fenômeno da classificação existe na escola e fora dela. Para que o sujeito participe efetivamente da sociedade, é necessário que ele atenda certas demandas, inclusive as exigências do mercado capitalista de trabalho que se apresenta a cada dia mais exigente. “[...] a promoção automática e outras facilidades piedosas emergem como piada de mau gosto, porque apenas despreparam o aluno pobre ainda mais para a vida” (DEMO, 2010 Apud OLIVEIRA/BOSSA, 1996; SANT’ANNA, 1995).

As concepções de avaliação não são neutras. Dependem do ponto de vista do avaliador, da sua visão de mundo. Além disso, também são levados em conta, o momento histórico que a sociedade está vivendo e a cultura de cada lugar.

Na sala de aula, por vezes nos deparamos com a noção de classificação. A começar com a ideia de aprendizagem, que contém claramente esse incômodo comparativo, quando, ao desenvolver as potencialidades de cada aluno, reconhece que são diferentes, o que já é mais que suficiente para, no contexto social, cair em dinâmicas desiguais (DEMO, 2010).

É sempre possível decantar na pedagogia que os alunos não deveriam ser comparados entre si, porque cada um tem seu ritmo próprio, mas, na prática, o fato de os alunos estarem juntos numa sala é o bastante para os escalonar, o que transforma simples diferenças em autênticas desigualdades (p. 10).

[...] toda sociedade, ao realizar seu processo de socialização, através do qual padroniza os comportamentos, papéis, normas e valores, classifica as

peças e grupos, revelando tendência funcional de preferir o cidadão medíocre ao criativo (p. 11).

É ingênuo imaginar que suaves comentários sobre o desempenho do aluno não o classificam. Ao contrário, à medida que são feitos sem maior critério e transparência, podem ser facilmente mais autoritários que qualquer nota. Podem estigmatizar o aluno sem mais nem menos, sem que ele possa, um dia, reagir, ou sequer saber disso (DEMO, 2010 Apud HOFFMANN, 1991; LIMA, 1994).

## **CAPÍTULO 02: Avaliar é classificar**

Avaliação que não classifica também não avalia (p.19).

É impossível que a escola, como uma instituição formal da sociedade civil organizada, não trabalhe com o sistema de classificação. Isso porque, ela faz parte de um sistema mais abrangente, que é o social, e que usa o conceito escalonar em todas as suas esferas. Nas escolas, a classificação já surge pelo fato de que por estarem em escolas públicas, já é perceptível a condição social excluída da maioria dos alunos.

Não há como pensar em avaliação sem pensar em classificação. Elas estão intimamente relacionadas. Todavia, podemos encontrar razões pedagógicas para agir de tal maneira. Uma delas é para garantir um melhor aprendizado ao aluno. A avaliação sempre revela contrastes: há sempre quem esteja por cima e quem esteja por baixo. Por isso é que não existe avaliação que não incomode (DEMO, 2010).

Forma clássica de oferecer coisa pobre para o pobre é evitar a avaliação, já que é impraticável garantir a aprendizagem do aluno, se não sabemos com a melhor clareza possível se está ou não aprendendo (DEMO, 2010 Apud SAUL, 1988).

Dispensar a avaliação acaba coincidindo com o reconhecimento de classificação prévia, pois imaginar que todos sejam iguais em sociedade é a classificação mais drástica que se poderia pretender. Fazer a todos estritamente iguais é total ditadura (p. 17).

Nem o professor é anjo, nem o aluno. Não há contexto histórico neutro. Na prática, negar o pano de fundo classificatório é recair ingenuamente no funcionalismo, que apenas vê como as sociedades se encontram, desdenhando a outra face do desencontro. Este não é apenas eventual. Faz parte da estrutura social (p. 17).

Avaliamos, entre outras coisas, para saber da distância entre o lugar que ocupa no momento o aluno e o lugar onde imaginamos que deveria estar. Para tanto, é mister, primeiro, classificar sua posição desfavorável claramente, com o melhor manejo do conhecimento, porque só podemos mudar o que bem conhecemos. Segundo, com tal diagnóstico na mão, é possível estabelecer a estratégia mais adequada para deixar a posição

desfavorável e caminhar para outra mais favorável, que também precisa ser classificada (p.18).

### **CAPÍTULO 03: Avaliar é escalonar**

Avaliação que não escalona também não avalia (p.28).

Não há como avaliar sem pautar-se em uma escala. É inviável. Quando falamos em escalas, o conceito de notas vem imbuído ao fenômeno quantitativo. Todavia, a aprendizagem é algo dinâmico, difícil de ser mensurado. Por isso, alguns optam por trabalhar com conceitos ou menções, ou ainda, com comentários sobre o desempenho dos alunos, ao invés de notas.

Todavia, há de se notar que não existe diferença entre nota e conceito, pois ambos têm como ponto de partida, a escala. A nota só é algo mais claro, mais visível. Elas são resultado da prova, e não verifica a aprendizagem dos alunos, mas o domínio mecânico de conteúdos. Muitas vezes, ela é usada como um momento de vingança pelo professor. Neste sentido, prejudica a autoestima do aluno, pois seu impacto só reforça sua incapacidade, além de ser mais um instrumento de exclusão (DEMO, 2010). A depender da postura docente, o ato de escalonar pode ser positivo ou negativo.

[...] só podemos avaliar parcialmente; por conseguinte, toda avaliação deve poder ser mudada e, sobretudo contestada pelo avaliado; por fim, é mister avaliar o avaliador (p.23).

#### **PONTOS POSITIVOS DA NOTA:**

- \* A nota sinaliza: através de seu resultado, o professor pode voltar, trabalhando aspectos que não foram aprendidos pelos alunos;
- \*A nota não é precisa: o aluno pode ir redimensionando sua nota a depender do seu desempenho durante o período letivo;
- \*A nota é mais explícita: ela é mais clara, facilita o entendimento pelo aluno e professor do avanço ou retrocesso;
- \*Permite fazer gráficos semanais do desempenho do aluno, visualizando, assim, sua evolução crescente ou decrescente;
- \*Auxilia na interpretação da aprendizagem do aluno. (p. 26-27).

#### **ABUSOS DA NOTA:**

- \*Concebê-la como julgamento definitivo;
- \*Fazê-la indiscutível;
- \*Isolá-la como indicação seca;
- \*Prendê-la à prova, deixando transparecer que só serve para medir o domínio dos conteúdos;
- \*Usá-la como arma para obrigar os alunos a estar presentes, fazer as provas, separando-a, do compromisso com a aprendizagem. (p. 28).

#### **CAPÍTULO 04: Algumas contradições performativas**

Muitos educadores, em especial os pedagogos, tem a ideia de que a prática pedagógica em sala de aula deve ser marcada pelo elogio e não pela crítica. Na realidade, eles não convivem bem com ela, acham que é um fator adverso a aprendizagem dos alunos.

Convém afirmar que a crítica é sempre algo negativo, aponta para falhas, erros e vazios. Mas, o modo como fazemos a crítica é outra coisa. Não adianta elogiar o erro, pois ainda sim, continua errado, mesmo que veladamente. Os alunos tem que saber escutar críticas, pois se isso não acontecer, nunca saberá aprender. O que não podemos é entender a crítica como ofensa. “Vale elogiar, para que o aluno avance tanto mais, como vale criticar, para que reconstrua de maneira mais proveitosa” (p. 65).

A avaliação deve sempre ser associada à aprendizagem. Ela deve contribuir para que professor e aluno tenham um diagnóstico de como encontra-se o processo de aprendizagem, se é necessário retroceder, ou se é possível avançar. Se não acontecer assim, torna-se um trabalho perdido.

O grande desafio é derrubar o que está posto para produzir algo novo na educação. A tarefa é reconhecer que do jeito que está não dá para continuar, e que é necessário um trabalho comprometido e significativo, não mera transmissão de conteúdos, com aplicações de provas vazias, e notas negligentes.

Aspectos quantitativos na educação deve-se relacionar com os qualitativos. Como, por exemplo, a nota. Esta deve vir acompanhada de comentários e propostas para facilitar a aprendizagem do aluno, pois ela só faz bem se for capaz de indicar, ainda melhor, os horizontes qualitativos da aprendizagem (DEMO, 2010).

#### **CAPÍTULO 05: Pedagogia da avaliação**

A sociedade desigual não saberia o que fazer com anjos. Precisa de guerreiros (p. 49).

Os professores não podem fazer um trabalho em sala de aula desvinculado do contexto social dos alunos. Eles devem levar em conta a realidade de cada um deles, seja ela de caráter social, emocional, cultural, artístico. É sabido, também que cada aluno é um sujeito histórico, marcado por experiências e vivências, por vezes traumáticas, principalmente no que se refere aos estudantes das escolas públicas.

Por causa da condição desvalorizada da maioria dos estudantes das escolas públicas, os professores, geralmente, acabam suprimindo a avaliação. Ora afirmam que tudo que eles fazem está bem feito, ora elimina certos aspectos de matemática, por exemplo, pois tem a ideia equivocada que os alunos não conseguirão aprender, pois é muito difícil.

Isto afeta sobremaneira a vivência dos alunos em sociedade. Se na escola, eles não são avaliados adequadamente, na sociedade serão, e da maneira mais cruel, classificatória e excludente

possível. A ideia da progressão continuada é um dos equívocos cometidos pelo sistema educacional. Se por um lado reprovar é algo negativo, pois, muitas vezes se converte em evasão, aprovar o aluno sem ele ter desenvolvido uma boa aprendizagem também não é a solução. “O sistema, sobretudo em seu formato neoliberal atual, se especializou em forjar táticas salvadoras do pobre que apenas o afundam ainda mais” (p. 50).

É necessária a realização de diagnósticos acurados para que possa-se entender porque o aluno aprende tão mal. Afinal, esse é o propósito da avaliação: a aprendizagem do estudante. “Primeira providência: avaliar as razões de baixa aprendizagem, em todos os sentidos – fatores externos à escola, fatores internos à escola, condições individuais do aluno, questões do professor [...]” (p. 55).

“É importante evitar a prova” (p. 57). A razão é porque ela não significa procedimento adequado para capturar o nível o nível de aprendizagem do aluno. Ela apenas mostra o domínio dos conteúdos pelo aluno, e ainda, de maneira equivocada. A prova exige que os alunos deem respostas prontas, acabadas. A vida real não é isso. Exige que as pessoas pensem. Ela não faz uma pergunta e pede uma resposta. Deparamo-nos com várias perguntas ao mesmo tempo, e temos que saber pensar para enfrentar os desafios e as demandas sociais. “Saber pensar é manejar a ambivalência das perguntas e das respostas, caminhar pela fragilidade dos argumentos, trabalhar os limites das propostas, refazer as coisas” (DEMO, 2010 Apud BAUMAN, 1999).

#### *TRABALHOS DE GRUPO*

Os extremos são vícios: tanto o trabalho individual exclusivo, quanto o trabalho coletivo exclusivo leva a hábitos indesejáveis, seja ao individualismo, seja ao comodismo (p. 63).

- \*Dividir tarefas cumulativas;
- \*Constituir o trabalho de aportes variados;
- \*Mesclar momentos conjuntos e individuais;
- \*Exercitar a capacidade coletiva e individual de argumentação

É quase sempre regra pertinente: pesquisar junto, elaborar sozinho. Entretanto, daí não segue que a elaboração solitária seja a mais relevante. Ao contrário. Diz-se apenas que é mister passar por ela para que se chegue a à elaboração coletiva de maneira adequada (p. 63).

Professor que sabe avaliar bem – ou seja, sabe usar bem a avaliação para tanto melhor garantir a aprendizagem do aluno – comprova-se autêntico profissional, no sentido preciso de profissional da aprendizagem (p. 67).

#### **CAPÍTULO 06: Percalços Metodológicos**

Não consideramos inteligente a pessoa que consegue decorar o catálogo de endereços da cidade, mas aquela que, sabendo pesquisar e perguntar

encontra qualquer endereço, inclusive os que ainda não estão catalogados. É inteligente quem consegue colocar perguntas inteligentes e não aquele que comina respostas prontas (Apud MINAYO, 1996).

O professor tem que saber associar qualidade com quantidade. Pois, todo processo avaliativo, por mais qualitativo que deseje ser, também envolve quantidade, pois não existe qualidade humana que não se expresse na quantidade. Todavia essa quantidade deve ser vista de um ponto de vista não linear. (p. 76).

## **CONCLUSÃO**

A avaliação em geral, é vista como algo negativo tanto pelos professores quanto pelos alunos. Isso porque ambos já foram vítimas de processos avaliativos negligentes, em que o que mais importa é a mera verificação de assimilação de conteúdos.

Todavia, é impossível não avaliar, pois cabe à escola, preparar o aluno, para as demandas sociais, que se apresentam a cada dia mais desafiadoras. A solução então é avaliar com competência e transparência. O mais importante não é discutir nota ou conceito, e sim, preocupar-se com a aprendizagem adequada do aluno.